

PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 19, v. 1
jan-jun.2023
p. 318-342

Um estudo sobre o sistema de sexo/gênero a partir da lógica filosófica e matemática

(A study on the sex/gender system from philosophical and mathematical logic)

(Un estudio sobre el sistema de sexo/género a partir de la lógica filosófica y matemática)

Caio Jade Puosso Cardoso Gouveia Costa¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo desenvolver uma aproximação entre a lógica filosófica e matemática clássica e o sistema de sexo/gênero hegemônico, orientado pelo paradigma binário homem/mulher. Proporemos a formalização de uma lógica de sexo/gênero clássica, a fim de revelar como esse modelo cosmológico colonialista opera a partir dos mesmos princípios da lógica clássica, a saber, da identidade, da não-contradição e do terceiro excluído. Por conseguinte, avaliaremos como certas vidas, nomeadas atualmente como “trans”, provocam explosões e colapsos nesses sistemas lógicos clássicos. Assim, indicaremos que essas existências remontam diversas rotas culturais que têm sido apagadas e perseguidas pelo sistema colonialista, mas que ainda podem ser retomadas e revividas.

PALAVRAS-CHAVE: sexo/gênero; lógica; transgeneridade; estudos de gênero; filosofia.

Abstract: This essay aims to develop an approximation between philosophical logic and classical mathematics and the hegemonic sex/gender system, guided by the binary male/female paradigm. We will propose the formalization of a classical gender/sex logic in order to reveal how this colonialist cosmological model operates from the same principles of classical logic, namely, identity, non-contradiction and the third-excluded. Therefore, we will assess how certain lives, now named as “trans” cause explosions and collapses in these classical logic systems. Thus, we will indicate that these existences date back to various cultural routes that have been erased and persecuted by the colonialist system, but which can still be resumed and revived.

Keywords: sex/gender; logic; transgenerity; gender studies; philosophy.

Resumen: Este texto tiene como objetivo desarrollar una aproximación entre la lógica filosófica y matemática clásica y el sistema de sexo/género hegemónico, orientado por el paradigma binario hombre/mujer. Propondremos la formalización de una lógica de sexo/género clásica a fin de revelar cómo este modelo cosmológico colonialista opera a partir de los mismos principios de la lógica clásica, a saber, la identidad, la no contradicción y el tercero excluido. Por lo tanto, evaluaremos cómo ciertas vidas, actualmente nombradas como “trans”, provocan explosiones y colapsos en estos sistemas lógicos clásicos. Así, indicaremos que esas existencias remontan diversas rutas culturales que han sido borradas y perseguidas por el sistema colonialista, pero que aún pueden ser retomadas y revividas.

Palabras clave: sexo/género; lógica; transgeneridad; estudios de género; filosofía.

¹ Graduada em Filosofia (USP), mestre e doutoranda pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: cjuosso@gmail.com



1 Introdução

Diversos estudos de sexo/gênero decoloniais têm utilizado o termo ‘lógica’ para indicar certos funcionamentos das culturas dominantes. Como exemplos, temos o trabalho de Judith Butler, que indica que certas expressões de sexo/gênero são consideradas como “impossibilidades lógicas” (BUTLER, 2012, p. 39) para as matrizes culturais hegemônicas; também temos a “lógica paradoxal da dominação” (BOURDIEU, 2014, p. 60) indicada por Pierre Bourdieu ao analisar as estruturas relacionais entre masculinidades e feminilidades em sociedades colonialistas; os “princípios lógicos da cisgeneridade” (BAGAGLI, 2016, p. 95), que Beatriz P. Bagagli apresenta como esquemas e matemáticas normativas; a “lógica do binarismo” (PRECIADO, 2020, p. 278), que Paul B. Preciado anuncia como um paradigma em crise; a “lógica binária do ‘ou isso ou aquilo’” (LEAL, 2021, p. 157), que Abigail Campos Leal indica ser o esquema redutor da escuta colonial; e a “lógica de ‘transexualidade verdadeira’” (NASCIMENTO, 2021, p. 151), que Letícia Nascimento anuncia como um modelo médico-patológico impositivo.

Esses estudos parecem utilizar o termo ‘lógica’ para indicar que as matrizes culturais de sexo/gênero hegemônicas funcionam como um sistema que faz com que as interações sociais e a vida aconteçam segundo certos esquemas ou cálculos que se repetem a ponto de se naturalizarem. Isto é, como roteiros, tramas e concatenações simbólicas que coordenam o pensamento e as interações sociais sem que sejam percebidos. O objetivo deste artigo será investigar qual o modelo lógico que subjaz aos apontamentos dos pesquisadores indicados acima. Para isso, começaremos com os sentidos que estamos atribuindo ao termo ‘lógica’.

A lógica, como disciplina ocidental, se desenvolveu desde a Antiguidade até a atualidade, e têm crescido exponencialmente no último século, desde que se aliou ao desenvolvimento da matemática (cf. DA COSTA, 2020, p. 16) e ao desenvolvimento da tecnologia. No entanto, pensar ‘lógica’ como uma disciplina homogênea e singular apagaria toda sua diversidade. Segundo Newton C. A. da Costa, “há várias lógicas” (DA COSTA, 2008, p. 57). Essa pluralidade parece acompanhar a própria vivacidade das linguagens e das culturas. Assim como conhecemos diversos idiomas e sistemas de vida, de línguas faladas em palavras até línguas de gestos, como as libras, e línguas de cliques feitos com a boca, como os idiomas khoisan, a lógica não é uma disciplina ou um sistema único.

2 Lógica e colonialismo

Por muito tempo, perspectivas etnocêntricas defenderam um certo modelo clássico de lógica como se fosse o único modelo possível para o desenvolvimento dos saberes racionais e



científicos. Newton da Costa atribui esse tipo de posicionamento à crença dogmática, que se fixa à lógica clássica hegemônica como se esta fosse única (cf. DA COSTA, 2008, p. 75), e que nega a diversidade dos modelos de pensamento e de vivências humanas. O modelo clássico, assim, seria apenas um entre muitos possíveis, e assumir essa pluralidade também seria reconhecer a “existência de culturas onde a razão atua de forma completamente diferente” (DA COSTA, 2008, p. 65).

No artigo *Is there a Zande Logic?* (1998), Da Costa defende que há uma diversidade lógica na cultura dos povos Azande, localizados ao norte da África central, contrariando estudos antropológicos que afirmavam a inexistência de razão no sistema de pensamento Zande, devido ao fato de que tais pesquisadores não puderam reconhecer um sistema de pensamento clássico nesses povos (cf. BUENO; DA COSTA; FRENCH, 1998, p. 53). Esse é apenas um exemplo de como certas lógicas dominantes, ao se depararem com diferenças culturais, sobrepõem seus sistemas dogmáticos sobre outras lógicas de vida, subalternizando-as.

Outro exemplo desse movimento de dominação e de subalternização de povos cujas lógicas diferem dos sistemas clássicos europeus pode ser lido em Bunseki Fu Kiau, ao apontar que “o povo africano ainda era visto como um povo sem lógica, sem sistemas, sem conceitos” (SANTOS, 2019, p. 85). Tal mirada colonialista, apontada por Fu Kiau, pressupõe-se como a única detentora do conhecimento e da verdade, como maneira universal e necessária de pensar e de formatar a vida. Segundo essa posição, toda e qualquer diferença cultural, que não possa ser assimilada pela cultura hegemônica, é destituída de lógica, de racionalidade e, conseqüentemente, de cultura.

O uso do termo ‘lógica’ pode expressar vários significados. Trataremos as lógicas como mapas que nos orientam, como propõe Newton da Costa (cf. DA COSTA, 2014, p. 52), e como instrumentos de localização e de organização culturais, cada qual com suas particularidades. Essa abordagem nos permitirá refletir sobre como o sistema de sexo/gênero hegemônico, estruturado a partir do binário homem/mulher, comporta-se tal qual a lógica clássica europeia, que se estabeleceu como dominante a partir do projeto colonialista.

Parece haver um tipo de cálculo de sexo/gênero que regula as interações sociais, um roteiro de ações que se repetem, como um léxico comportamental com o qual nos habituamos ao conviver culturalmente. Pierre Bourdieu utiliza o termo latino “*habitus*” (BOURDIEU, 2014, p. 59) para designar o processo de naturalização de lógicas, cujas regras esquecemos ao atuarmos em sociedade. Nesse sentido, as interações de sexo/gênero podem ser percebidas como um tipo de jogo, cujas regras devem permanecer esquecidas ou subjacentes aos jogadores enquanto jogam. A esse cálculo ou léxico comportamental colonialista, daremos o nome de lógica de sexo/gênero



clássica.

A estrutura binária, que reduz toda experiência de sexo/gênero humana ao binômio homem/mulher, é apenas reflexo de todo um sistema cosmológico dualista que não pertence a todas as culturas humanas, mas que se impõe às demais a partir de um projeto de mundo colonialista. Entendemos por colonialismo um movimento cosmológico, desenvolvido a partir do continente europeu, que se expressa desde a Antiguidade grega e que se caracteriza por desejos de dominação e de subalternização de qualquer cultura que seja reconhecida como alteridade. Há indícios de um texto chamado “Da colonização” (cf. CHAUI, 2002, p. 336), que Aristóteles teria escrito para Alexandre Magno, indicando como deveriam ser as estratégias de dominação de povos não-gregos. Nesse exemplo, que consideramos como indício de uma cultura colonialista já em curso, podemos pressupor dualidades como dominadores/dominados e superior/inferior que poderiam estruturar tais lógicas ou projetos de mundo.

Nossas pressuposições são fortalecidas pelo sistema de pares de oposição fundamentais para a cosmologia grega antiga, como “uno/múltiplo, ímpar/par, direito/esquerdo, macho/fêmea, luz/trevas, bom/mau” (LOPES, 2010, p. 86). Esses pares eram entendidos como princípios que regiam todo o funcionamento do universo. Em outras palavras, eram também expressões dos sistemas lógicos dessas sociedades. Marisa Lopes aponta que os “pares de opostos indicam um melhor e um pior” (LOPES, 2010, p. 86), o que significa que cada termo do binômio teria uma valoração opositiva e hierárquica, uma sendo positiva e outra negativa. Essas contrariedades também seriam responsáveis pelo movimento do universo, pois as incompletudes das partes piores ou inferiores as atrairiam para as partes melhores ou superiores (cf. LOPES, 2010, p. 89).

A separação do feminino e do masculino como um par de opostos é descrita por Muniz Sodré na seguinte passagem: “a afirmação da lógica disjuntiva é importante no Ocidente para a consolidação do poder de um dos termos da diferença sobre o outro” (SODRÉ, 2017, p. 190). Essa proposição reforça nossa proposta de que as lógicas binárias se impuseram, desde a Antiguidade grega², e seguem se impondo como sistemas lógicos de dominação. Podemos interpretar que o termo masculino é produtor da dominação, pois ocupa o lado valorado na lógica binária, interpretação essa que também encontramos em Pierre Bourdieu, na obra *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica* (2014).

Na Antiguidade grega, as lógicas binárias parecem ter sido levadas a cabo, principalmente, por homens livres comprometidos com a coletividade cidadã que os incluía e que, necessariamente,

² A lógica binária foi incorporada sequencialmente pelo Império Romano, pelo cristianismo medieval, pelo Renascimento e pela Modernidade europeia, na medida em que essas culturas absorveram e tomaram a cultura grega dominante como referencial filosófico.



excluía mulheres, crianças, pessoas muito idosas, estrangeiras e escravizadas (cf. CHAUI, 2002, p. 467). Com isso, notamos algumas características de sistemas e lógicas que Andrea Nye parece condensar no termo “filosofias do homem” (NYE, 1995, p. 267)³. Estamos, assim, propondo que masculino/homem/macho são termos que, além de serem privilegiados na lógica binária, representam um seletivo grupo que forja a cosmologia que os privilegia. Essa afirmação revela um princípio, axioma ou regra colonialista, oculto e inquestionável por definição, a saber, que “a visão androcêntrica impõe-se como neutra” (BOURDIEU, 2014, p. 22). Isto é, uma posição de “sujeito transparente” (SPIVAK, 2010, p. 33), daquele que projeta e rege o mundo e, ao mesmo tempo, mascara a localidade de sua voz masculina ou de homem.

A neutralidade e a transparência masculina são fundamentos de um projeto de mundo colonialista em que certas vozes, do seletivo grupo de homens reconhecidos e qualificados como cidadãos, filósofos ou ‘homens de verdade’, estabelecem regras de vida que se fixam como únicas, universais e necessárias. A força da permanência de certos modelos de dominação pode ser encontrada, por exemplo, na permanência da lógica binária como preferência ou dogma que encontramos desde as culturas gregas mencionadas até o desenvolvimento dos modelos de sexo/gênero hegemônicos e da tecnologia computacional da atualidade.

3 Lógica binária, sexo/gênero e computadores

Um dos primórdios dos atuais computadores chamava-se ‘máquina de Turing’, pois foi criado pelo matemático Alan M. Turing, em meados do século XX. Ao longo da carreira de Turing, seu interesse se voltou à aplicação da matemática na construção de máquinas. Por isso, os primeiros computadores eram máquinas que trabalhavam com “números computáveis” (LEAVITT, 2011, p. 255), ou seja, com números que podiam ser calculados combinando sistemas elétricos com sistemas lógicos de programação.

A base da linguagem computacional, que permanece em amplo vigor até hoje, é uma linguagem binária que cria uma gama de possibilidades léxicas a partir de apenas dois números: 0 e 1. Isso significa também que toda linguagem computacional é um jogo de tradução a partir desse binário. Não é sem razão a escolha de Turing por essa estrutura numérica e lógica, afinal, como já mencionamos, as dualidades parecem ser um dogma fundamental para as cosmologias ocidentais colonialistas, que veio a ser a base do que tem sido chamado, nos últimos séculos, de lógica clássica ou tradicional.

A vida e a obra escrita de Turing interligam estruturas binárias, tanto em relação à lógica

³ O termo ‘homem’ é utilizado pela autora como uma posição social de sexo/gênero eurocêntrica, não no sentido universalista de humanidade.



matemática quanto em relação ao sexo/gênero. No artigo “Computing machinery and intelligence” (1950), Turing elabora um “jogo da imitação” (LEAVITT, 2011, p. 255) que consiste em um jogo de perguntas entre três jogadores, um homem, uma mulher e um interrogador de qualquer sexo que fica isolado dos outros dois jogadores e que tenta descobrir, por meio de perguntas e respostas, quem é o homem e quem é a mulher. A provocação que Turing adiciona em seu artigo, e que anuncia seu interesse pela construção de inteligências artificiais, é: “se uma máquina tomar o posto do homem ou da mulher, o interrogador seria capaz de descobrir que está falando com uma máquina?” (TURING *apud* LEAVITT, 2011, p. 256).

As estruturas de sexo/gênero também atravessaram a biografia de Turing na medida em que suas relações sexuais com homens foram condenadas pela Inglaterra, pois em meados do século XX a homossexualidade era considerada um crime. O matemático foi condenado a passar por uma intervenção química, com injeções de estrogênio (cf. LEAVITT, 2011, p. 284), como processo de restabelecimento de uma heterossexualidade compulsória, característica do projeto de dominação colonialista.

Nesse sentido, começamos a notar como determinada lógica matemática, que serviu de base para a criação dos computadores, e a estrutura de sexo/gênero hegemônica parecem ser regidas por uma mesma cosmologia binária. Consideramos essa binaridade colonialista, pois há exclusão e aniquilamento de quaisquer diferenças que não se encaixam nessa lógica, como notamos no caso da condenação de Turing. O apego dogmático a uma lógica binária não reduz apenas as possibilidades de entendimento e de convívio com as experiências de sexo/gênero, mas também com toda estrutura cosmológica cultural, isto é, na produção da vida em sua totalidade. Isso nos faz refletir que, desde as interações cotidianas até a criação de inteligências artificiais, a lógica binária atua como redutora e formatadora de experiências.

4 O que seria a lógica clássica

O apego e a crença na lógica binária como princípio cosmológico e única lógica possível e/ou preferível fabrica mundos e culturas limitadas por essa proposta. Ludwig Wittgenstein, que foi professor de Turing e que também viveu relações consideradas homossexuais, dizia que “os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo” (WITTGENSTEIN, 1993, p. 245). Com isso, podemos pensar como os mundos criados e recriados por pessoas comprometidas e limitadas por modelos binários colonialistas configurou as existências e formas de vida que nos atravessam até hoje. Chamaremos esse modelo de ‘lógica clássica’ e analisaremos como suas bases foram fundamentadas a partir de projetos de mundo colonialistas, masculinos, cisgêneros e



brancos, entre outras atribuições.⁴

Uma definição das bases da lógica clássica pode ser encontrada na obra de Bertrand Russell (2019), em que são apresentados três princípios que regem a razão ocidental hegemônica, a saber, o princípio da identidade: “tudo que é, é”, o princípio da contradição ou da não-contradição: “nada pode ser e não ser ao mesmo tempo”, e o princípio do terceiro excluído: “tudo deve ou ser ou não ser” (RUSSELL, 2019, p. 51). Esses princípios foram tradicionalmente chamados de “leis do pensamento” (RUSSELL, 2019, p. 51), ou seja, regras que, se seguidas, possibilitam o pensar, e que, se não seguidas, impossibilitam o pensamento e a comunicação (cf. DA COSTA, 2008, p. 123).

Esses princípios ganharam uma formação triádica e incontornável para a construção de qualquer saber ao longo da história e do desenvolvimento científico ocidental. Costuma-se atribuir a criação ou formalização da lógica clássica, e de seus três princípios, a Aristóteles. No entanto, não encontramos nesse autor a palavra ‘lógica’, utilizada apenas posteriormente pelos estoicos (cf. CHAUI, 2002, p. 357). Em vez disso, encontramos as noções de idêntico, de contraditório e de inexistência de termos médios (terceiro excluído) em suas análises sobre os significados ou leis do ser (cf. ARISTÓTELES, 2002, p. 131) e em suas análises da linguagem (cf. ARISTÓTELES, 2010, p. 39). Além disso, o ‘princípio de identidade’ só ganhou esse nome no século XIX (cf. ABBAGNANO, 2007, p. 530). Anteriormente, o que se entendia logicamente por ‘identidade’ era nomeado como ‘substância’ e ‘essência’ ou aquilo que faz com que o ‘ser’ seja o que é.

Antes de Aristóteles, já encontramos nos pensadores pré-socráticos o ideário daquilo o que as três ‘leis do pensamento’ sintetizam. Newton da Costa afirma que “a lógica clássica acha-se correlacionada à metafísica de Parmênides” (DA COSTA; DORIA, 2016, p. 48). Consideramos, em sintonia com o autor, que os fragmentos do poema de Parmênides são expressões de uma cosmologia fundada sobre binaridades que, posteriormente, foram desenvolvidas e formalizadas no que chamamos de lógica clássica.

O poema de Parmênides narra uma travessia de revelação em que as deusas Diké, a justiça, Moira, o destino, e Ananke, guardiã dos limites do cosmos, concederiam à voz narrativa ou sujeito poético do poema, assim como a todo “homem que sabe” (PARMÊNIDES, 1973, p. 147), o conhecimento da distinção entre o ser, o saber verdadeiro, e a opinião, a falsidade. Nas imagens narrativas criadas por Parmênides, o filósofo é conduzido pela deusa da justiça em uma carruagem em chamas, guiada por éguas, através de um caminho que leva a duas portas, a saber, a via do ser

4 As categorias ‘homem’ e ‘branco’, valorizadas desde a Antiguidade grega, foram utilizadas por Aristóteles para exemplificar sua noção de ser, de essência e de substância, o que revela a corporalidade de onde parte sua filosofia e com quem ela dialoga (cf. ARISTÓTELES, 2002, p. 149).



e do conhecimento verdadeiro, e a via da opinião e do conhecimento falso.

Verdade e falsidade são simbolizadas no poema como dois caminhos separados e que não podem ser percorridos ao mesmo tempo. Esses são valores fundamentais para a lógica clássica, expressos em seus três princípios, e que já lemos pré-configurados na obra de Parmênides. Na passagem “ou totalmente é necessário ser ou não” (PARMÊNIDES, 1973, p.149), o “ser” pode ser interpretado como aquilo que, posteriormente, foi nomeado como ‘identidade’, e que se comporta como via ou termo verdadeiro de um binário ao qual todo conhecimento se reduz. Nesse fragmento, notamos também que não é possível ser e não-ser ao mesmo tempo, tal qual nos diz o canonizado princípio da não-contradição. Além disso, não há outra via possível além das duas, de ser ou não-ser, o que, posterior a Parmênides, foi chamado de princípio do terceiro excluído.

Andrea Nye, no livro *Words of power: a feminist reading of the history of logic* (2020), interpreta os fragmentos de Parmênides como uma incursão sexual representada por alegorias, como a penetração da carruagem através das portas da via da verdade, que se abrem para a consumação do desejo de saber do filósofo (cf. NYE, 2020, p. 18). O desejo de verdade só poderia ser plenamente satisfeito por meio do pensamento fechado em si mesmo, “pois o mesmo é a pensar e portanto ser” (PARMÊNIDES, 1973, p. 148). O que não está distante da proposta de René Descartes: “penso, logo existo” (DESCARTES, 2001, p. 38), que marcou profundamente o pensamento e as ciências ocidentais. Nye interpreta essa busca pela verdade lógica como uma atividade que separa o filósofo de toda experiência da realidade concreta (cf. NYE, 2020, p. 9), como, por exemplo, a união sexual entre homens e mulheres.

Nye aponta que Parmênides considera vergonhosa a união sexual e de procriação entre homens e mulheres (cf. NYE, 2020, p. 14), pois as mulheres eram consideradas inferiores aos homens nas culturas gregas, como já mencionamos. Homem e mulher, macho e fêmea, seriam um par de opostos, um binômio, como lemos em: “em contrários separaram o compacto” (PARMÊNIDES, 1973, p. 150). Essa dualidade se relacionaria com diversos outros pares, sendo sempre um mais perfeito e mais valoroso que o outro. Por isso, sua “mistura” (PARMÊNIDES, 1973, p. 151) significaria, tanto em Parmênides quanto na cultura de seu contorno, um tipo de “odioso parto e união” (PARMÊNIDES, 1973, p. 150) entre contrários ou ambíguos, o que feriria com a, posteriormente, lei da não-contradição. Por isso, também encontramos em Parmênides um fragmento como: “à direita os rapazes, à esquerda as moças” (PARMÊNIDES, 1973, p. 151), que revela como as estruturas de sexo/gênero se comportam tal qual a lógica binária do todo cosmológico do qual fazem parte.

Nye descreve o desejo de Parmênides pela verdade como um “romance solipsista” (NYE,



2020, p. 18), uma vez que só pode ocorrer no interior do pensamento do filósofo. A autora também nomeia tal expressão como uma “autoidentidade estéril” (NYE, 2020, p. 23), pois a consumação do desejo e o alcance da verdade se dá no pensamento de um homem consigo mesmo e na recusa de qualquer ‘mistura’ com aquilo que é inferior e contraditório. Lembremos que na Grécia Antiga apenas os homens gregos adultos, não escravos e não idosos eram considerados cidadãos. Dessa maneira, quando nos referimos ao desenvolvimento do pensamento ocidental, estamos tratando, majoritariamente, de ideias e diálogos estabelecidos entre pequenas elites masculinas, brancas e cidadãos. Por isso, se há alguma partilha do projeto de mundo de Parmênides, ela se dá entre homens como eles mesmos.

Nas culturas gregas antigas, a “ordem era assunto de lei” (NYE, 2020, p. 17), por isso as deusas da justiça, da manutenção da ordem cósmica e do destino acompanham Parmênides em sua jornada e servem à manutenção da distinção e da separação entre o ser e o não-ser. Disso decorre que a binaridade dos caminhos, verdade/ser e falsidade/opinião, e a inexistência de um terceiro caminho possível, operaram como leis estruturantes para essas sociedades. Por isso, as noções de identidade, não-contradição e terceiro excluído, ainda que não nesses termos, já figuram no poema de Parmênides como regras ou modelos de um projeto de mundo que seguiu sendo desenvolvido por outros pensadores, se tornando canônico.

5 Identidade clássica, contradição e terceiro excluído

O princípio clássico da identidade, que já pode ser intuído em Parmênides em passagens como: “necessário é dizer e pensar que (o) ente é; pois é ser, e nada não é” (PARMÊNIDES, 1973, p. 148), é descrita por Nietzsche como uma “natureza quase transformada em uma máquina de pensar, inteiramente petrificada pela intransigência lógica” (NIETZSCHE, 1973, p. 152). Poderíamos simbolizar geometricamente essa proposta de verdade e de ser como um círculo, fechado em si mesmo, indivisível, fixo e imóvel, que se aproxima “do âmago inabalável da verdade bem redonda” (PARMÊNIDES, 1973, p. 147). Por analogia, essa imagem poderia ser relacionada à figura de ouroboros, a cobra que engole sua própria cauda, e que se assemelha à consumação do desejo de conhecimento que Parmênides atinge apenas em seu próprio pensamento, ou seja, a partir de uma volta ou um consumo de si mesmo.

Tradicionalmente, o princípio da identidade propõe que cada ser é idêntico a si mesmo, o que também poderia ser dito da seguinte maneira: $A = A$ ou $A \text{ é } A$. Essas equações também levam o nome de tautologia, que etimologicamente significa ‘dizer o mesmo’. O mesmo que se diz a si mesmo, que se diz a si mesmo, que se diz a si mesmo, continuamente, como se não estivesse



localizado em um mundo espaço-temporal exposto à mudança e à diferença.

Em entrevista, Newton da Costa expõe que o problema que o tempo gera à identidade clássica também pode ser encontrado nas matemáticas fundadas sobre essas mesmas lógicas:

A realidade é temporal e esse é um dos grandes paradoxos, uma das grandes dificuldades da aplicação da matemática à realidade. A matemática é algo, pela sua própria constituição, atemporal. Você não diz que $2 + 2 = 4$ hoje, e amanhã não. Todas as teorias matemáticas banem o tempo. Mas como é possível aplicar a matemática à natureza, se a natureza é essencialmente tempo e mudança? Como é que se pode aplicar conceitos absolutamente imutáveis a uma realidade que muda? (DA COSTA, 2014, p. 68).

Segundo o modelo identitário clássico exposto acima, haveria uma cisão entre a linguagem, matemática no caso, e a realidade. Os cálculos, assim como os seres e o pensamento de Parmênides, estariam fechados em si mesmos e isolados da realidade espaço-temporal de seus entornos. Nesse modelo lógico, poderíamos supor que as experiências cotidianas teriam que ser formatadas segundo certos cálculos extratemporais para que princípios, como o da identidade, pudessem operar. Logo, linguagem e pensamento dariam forma à vida se sobrepondo às experiências coletivas, corporais e vitais.

Viviane Mosé, ao analisar os comentários de Nietzsche sobre Parmênides, ressalta que “a identidade só existe na linguagem. É a linguagem que permite a construção da ficção de um outro mundo, um mundo de identidades estáveis, de coisas e sujeitos, de valores eternos” (MOSE, 2005, p. 99). O conceito de “ficção lógica” (NIETZSCHE, 1978, p. 270), proposto por Nietzsche para falar sobre o princípio de identidade, revela como os sistemas de pensamento configuram os modos de vida segundo seus modelos. A linguagem, nesse sentido, opera como um instrumento de fabricação de mundos.

Ao estudar o desenvolvimento das ciências ocidentais, principalmente da física, John Brockman propôs que “cada época inventou seu próprio universo”, no sentido de que “todas as representações do universo são ‘fictícias’” (BROCKMAN, 1988, p. 21). A ficção seria, então, um conceito fundamental na constituição de sistemas lógicos e científicos, de modo que a linguagem, o pensamento e os valores de verdade/falsidade podem ser tidos como criações humanas que surgem no interior de sistemas de crenças (cf. DA COSTA, 2018, p. 126). Assim, tanto a matemática quanto as mais diversas linguagens científicas podem ser tomadas como criações humanas naturalizadas pela repetição e pela valoração que recebem de cada povo ou de cada cultura que as mantém.

Na lógica clássica, o não-ser parece estabelecer os contornos do ser. Com isso, queremos dizer que aquilo que ‘é’ só se define a partir daquilo que ‘não-é’. Encontramos tal sentido na importância dada ao princípio da contradição ou da não-contradição em Aristóteles, que considera a contradição como “o princípio de todos os outros axiomas” (ARISTÓTELES, 2002, p. 145), e no



papel limitador que tal princípio produz: “sem a lei da contradição, destrói-se o discurso, rompe-se a possibilidade de comunicação” (DA COSTA, 2008, p. 123).

Como discutimos, a verdade da lógica clássica estaria na via do ser, daquilo que é, sendo o não-ser ininteligível, pois não poderia nem ser conhecido nem ser dito (cf. PARMÊNIDES, 1978, p. 148). Nessas fronteiras, o impossível ou aquilo que não pode ser dito ou pensado, possibilita que o ser seja dito e pensado. Isto é, tudo que é negado faz parte da sustentação e do contorno daquilo que se afirma como verdade única, necessária e universal. Luiz Rufino nomeia tal movimento como “lógica da negação” (RUFINO, 2019, p. 151), uma estratégia de exclusão que permite que o eu colonizador invente, a um só tempo, a si próprio e ao outro, o colonizado.

Como mencionamos, o princípio da contradição pressupõe que algo não pode ser e não-ser ao mesmo tempo. ‘Contradição’ significa ‘dizeres que se opõem’, como duas forças que disputam uma posição que só uma delas pode ocupar. Um possível sinônimo desse termo é ‘paradoxo’, que etimologicamente significaria ‘opiniões contrárias’, e que consiste em problemas que podem ser resolvidos, tendo soluções positivas ou negativas (cf. DA COSTA, 2008, p. 222); ou que são problemas sem solução, denominados ‘aporias’, que significa ‘caminhos sem saída’. Nesses últimos, se mantém uma tensão duradoura entre o par de opostos. Outro sinônimo dessas oposições, que encontramos nos estudos sobre lógica, é ‘antinomia’, que poderíamos descrever como ‘o que é contrário à lei’. Exemplo disso é a chamada “antinomia de Russell” (DA COSTA, 2008, p. 228), ou ‘paradoxo de Russell’, um conflito lógico-matemático muito importante no desenvolvimento da lógica no século XX. Dessa maneira, notamos como as disputas entre opostos ocupam um lugar fundamental no desenvolvimento da lógica clássica, e, nesse contexto, busca-se sempre obter apenas um vencedor.

Na cosmologia binária, há apenas a verdade ou a falsidade, não havendo outra via possível a ser percorrida. Para ilustrar essa lógica, podemos imaginar novamente a carruagem em chamas de Parmênides percorrendo a via do ser, enquanto o filósofo aprende com as deusas os fundamentos do conhecimento verdadeiro. Em outra porta, haveria o caminho do não-ser, da opinião e da falsidade, que não poderia ser percorrido ao mesmo tempo. Nesse cenário, não há outra via, uma terceira, a ser percorrida, dado que o ser “é ou não é” (PARMÊNIDES, 1973, p. 149). Essa ausência de outras possibilidades lógicas é o que se chama, na lógica clássica, de princípio do terceiro excluído.

6 Esboçando a lógica de sexo/gênero clássica

Os três princípios fundamentais da lógica clássica que descrevemos até aqui nos auxiliarão a



desenvolver o que chamaremos de lógica de sexo/gênero hegemônica ou clássica⁵ e que anunciamos anteriormente. Iniciaremos com o princípio da identidade de sexo/gênero, que encontramos expresso na linguagem cotidiana por meio das máximas: ‘homem é homem’ e ‘mulher é mulher’. Essas máximas poderiam ser formalizadas, em uma linguagem da lógica simbólica, utilizando a letra A em lugar do termo ‘homem’, e os sinais de igualdade ‘=’, e de negação ‘¬’. Traduzindo as máximas referidas teríamos, então: $A = A$, para ‘homem é homem’, e: $\neg A = \neg A$, para ‘mulher é mulher’.

Simbolizamos o termo ‘mulher’ da máxima como a negação de ‘homem’, isto é, ‘¬A’ ou ‘não-homem’, visto que o feminino se estabelece, na lógica de sexo/gênero clássica, como a negação do masculino ou o limite para tudo aquilo que o masculino/homem é e pode ou deve ser. Tal perspectiva pode ser corroborada por noções como: “o feminino em oposição ao masculino, o passivo em oposição ao ativo, cada um apenas como negação do outro” (NIETZSCHE, 1973, p. 153); e pela noção de mulher como “identidade inteiramente negativa” (BOURDIEU, 2014, p. 52), pois constituída a partir de proibições inexistentes para os homens.

Na sequência, temos o princípio da não-contradição de sexo/gênero, que poderia ser formulado semanticamente como ‘não é o caso ser homem e não-homem ao mesmo tempo’, e simbolicamente, adicionando o sinal de conjunção ‘□’ à nossa linguagem: $\neg (A \square \neg A)$. Como ser não-homem equivale a ser mulher, poderíamos também dizer que ‘não é possível ser homem e mulher ao mesmo tempo’, pois, do contrário, teríamos uma contradição, um paradoxo. Essa noção nos leva a pensar que na lógica de sexo/gênero clássica, possivelmente, homens e mulheres são dois conjuntos distintos e incomunicáveis, pois não haveria correspondência ou participação entre seus elementos. Graficamente, poderíamos imaginar dois círculos separados, um com a inscrição ‘A’, dos homens, e outro com a inscrição ‘¬A’, das mulheres ou não-homens.

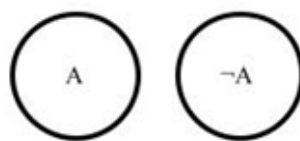


Fig. 1 – Criada pelo autor

A circularidade representa a noção de identidade, como propusemos anteriormente, e que agora forma um grupo e estabelece limites para tudo o que não é parte desse grupo. A distância,

⁵ Em nosso levantamento, encontramos uma aproximação entre os princípios da lógica clássica e o sistema de sexo/gênero hegemônico, semelhante à que estamos desenvolvendo, em: MELO, Elizabete Amorim de Almeida; LOURENÇO, Adriana; LIMA, Walter Matias. Questões de sexo, de gênero e de sexualidade: para além da lógica clássica e da classificação binária. *Cad. de Filosofia e Psic. da Educação*. Vitória da Conquista, Ano XI, n. 18, p. 9-23, jul./dez.2017.



isto é, a não intersecção entre os grupos ou conjuntos, representa a impossibilidade lógica de ser e não-ser ao mesmo tempo, como analisamos anteriormente.

Outra possível representação da contradição entre ‘ser homem’ e ‘ser mulher’ poderia ser desenhada a partir de um único conjunto, o dos homens, pois esses seriam os únicos a possuírem identidade, no sentido que temos desenvolvido neste texto, a saber, de acessarem o ser e a verdade, única, universal e necessária. Já as mulheres se localizariam fora dos contornos do ‘ser homem’ e sua ‘não-identidade’, ou seja, seu ser-negação conferiria os limites e os contornos ao conjunto dos homens. Mesmo a feminilidade sendo uma “identidade inteiramente negativa” (BOURDIEU, 2014, p. 52), sem ela não haveria a possibilidade da afirmação do que é ser homem.

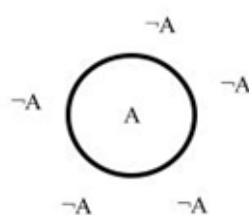


Fig. 2 – Criada pelo autor

Ser homem e mulher, em nossa proposição da lógica de sexo/gênero clássica ou hegemônica nos contextos colonialistas, está conectado por uma relação de interdependência. Ainda que ‘A’, o homem, seja o termo que rege a classificação de sexo/gênero, assunto esse bastante desenvolvido na psicanálise (cf. ARÁN, 2003), propomos que ele depende de sua negação para definir-se, assim como o não-ser é o que permite que o ser seja. Nesse sentido, a mulher ou o feminino poderia ser pensado como a condição de possibilidade da existência do homem ou do masculino. Na lógica clássica de sexo/gênero, que se estrutura em relações de dominação, não há o ser sem haver sua negação.

O princípio do terceiro excluído se diz na lógica de sexo/gênero por meio da máxima: ‘ou se é homem ou se é mulher’. Simbolicamente, adicionando o sinal de disjunção ‘ \square ’ em nossa linguagem, teríamos: $A \square \neg A$. Traduções possíveis para essa simbologia seriam: ‘homem ou não-homem’, ‘homem ou mulher’. Com isso, notamos que a binaridade que regula essas cosmologias torna impossível qualquer outra possibilidade de ser. Por isso, não haveria, segundo essa lógica, a existência de outro ser, além do ‘ser’ e do ‘não-ser’, assim como não haveria outra existência além de ‘homem’ e ‘mulher’.

Não há possibilidade lógica ou inteligibilidade no sistema clássico para uma terceira ou demais expressões de sexo/gênero. Isso não somente feriria o princípio do terceiro excluído, mas todos os três princípios como um todo, afinal, eles são expressões de uma cosmologia binária. Luiz



Rufino descreve tal projeto de mundo nos seguintes termos: “a tara por uma composição binária, que ordena toda e qualquer forma de existência, não dá conta da problemática dos seres paridos no entre” (RUFINO, 2019, p. 16). Com isso, notamos que há uma insuficiência na lógica binária hegemônica, o que implica em uma falha em seu projeto de universalidade e de necessidade.

7 Explodindo o Cistema

A lógica de sexo/gênero que descrevemos, a partir dos três princípios fundamentais da lógica clássica, pode ser nomeada como sistema da cisgeneridade ou “cistema” (VERGUEIRO, 2018, p. 30). Nela, qualquer contradição de sexo/gênero ou qualquer outro modelo lógico de vida é considerado como impossível, pois fere com os princípios fundamentais da identidade, da não-contradição e do terceiro excluído.

O sistema da cisgeneridade pode ser entendido como a assunção do modelo binário e opositivo homem/mulher como uma verdade universal, única e necessária. Viviane Vergueiro afirma que esse sistema lógico se pressupõe como pré-discursivo e permanente (cf. VERGUEIRO, 2018, p. 44), tal qual a lógica clássica eurocêntrica. Por isso, a cisgeneridade figura como um modelo de mundo colonialista, pois contém, em seus princípios, a negação de outros modelos lógicos de vida possíveis.

Como mencionamos, Rufino (2019) afirma que a lógica binária não dá conta de diversas existências que não pertencem aos pares de opostos que regem o ‘cistema’. Nesse sentido, as vidas “paridas no entre” (RUFINO, 2019, p. 16) representam uma “explosão” (BUENO; DA COSTA; KRAUSE, 2005, p. 1) dos sistemas clássicos, pois expressam outros modelos lógicos além das duas vias da cisgeneridade.

Na lógica clássica, a presença de uma contradição em qualquer sistema ou argumento implica em sua explosão, ou seja, o sistema inteiro entra em colapso, pois qualquer coisa pode ser demonstrada a partir de uma contradição, segundo tal perspectiva. Newton da Costa, em uma palestra⁶, diz que, ao afirmar e negar algo ao mesmo tempo, na lógica dedutiva clássica, tem-se qualquer sequência incontrolável para o cálculo feito. Esse descontrole é tido como um problema, visto que a lógica clássica parece se estruturar como um sistema de reduções do pensamento e da vida à binaridade, em que apenas um deveria ser o vencedor, a ‘verdade’ ou o ‘ser’. Da Costa propõe, na mesma palestra, a dedução de uma contradição em linguagem simbólica da seguinte maneira:

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VcoxL_gkiSg&t=1790s. Acesso em: 15 abr. 2022.



$$\frac{A \neg A}{B}$$

Esse cálculo nos diz que a afirmação e a negação simultânea de ‘A’ resulta em qualquer elemento ‘B’ possível. Notemos como a quebra da identidade de ‘A’, a partir de sua contradição, abre espaço para o surgimento de um ‘B’ imprevisível, incontrolável e diferente de seu ponto de partida. Poderíamos, assim, pensar que a contradição cria a quebra da identidade clássica, ao passo que revela o lugar destinado a toda diferença que não se encaixa nos moldes identitários clássicos.

O colapso e a explosão provocados pelas contradições são limites para a lógica clássica, assim como são suas condições de possibilidade de existência. Da Costa afirma, na palestra citada, que sem o ‘princípio da explosão’ não haveria lógica clássica. Com isso, compreendemos que os colapsos, explosões e impossibilidades lógicas são tão fundamentais para a manutenção dos limites do sistema quanto são seus princípios basilares, pois atuam como contornos que criam uma ‘identidade’ para esse modelo lógico.

A lógica de sexo/gênero clássica se comporta da mesma maneira na medida em que as categorias ‘homem’ e ‘mulher’ são os limites sistêmicos da cisgeneridade. Há diversas vidas e expressões de sexo/gênero que são negadas e excluídas pela cisgeneridade, pois geram explosões e colapsos em seu ‘cistema’. Alguns exemplos disso encontramos nos estudos citados no início deste artigo e em narrativas como as “autobiografias trans” (COSTA, 2021). Nesses, as explosões surgem a partir do momento em que a coerência das categorias ‘homem’ e ‘mulher’ é desfeita.

Chamamos de coerência um sistema de inteligibilidade, ou seja, aquilo que torna possível o pensamento, o reconhecimento e a intercomunicação humana. A coerência cisgênera se estrutura a partir de cálculos que separam diversos corpos, indumentárias, linguagens, comportamentos e relações em dois grupos: ‘homem’ e ‘mulher’. Cada grupo é orientado por ideais e modelos de ‘hombridade’ e de ‘mulheridade’ que se fixam como verdades que devem ser almejadas pela sociedade à qual essa lógica é imposta. Qualquer divergência da coerência cisgênera parece implicar em contradições que explodem seu sistema, como, por exemplo, a existência de corpos intersexo, que não correspondem ao ideal do dimorfismo sexual⁷, ou expressões de sexo/gênero que misturam (cf. PARMÊNIDES, 1973, p. 151) indumentárias, comportamentos e linguagens tidas como femininas em corpos designados como masculinos, e vice-versa.

Ao não seguir os padrões pré-estabelecidos pela normatividade, as expressões de sexo/gênero não-normativas criam colapsos e explosões na lógica clássica e, conseqüentemente, são

⁷ Dimorfismo sexual é uma teoria biológica que classifica todos os seres vivos a partir de dois grupos sexuais distintos: machos e fêmeas.



perseguidas, negadas e punidas pelos defensores do ‘cistema’. Vale notar que noções como ‘travestismo’ e ‘transexualismo’ foram criadas como designações de doenças e de distúrbios mentais⁸. Isso revela como tais expressões, ao implicarem em colapsos do sistema cisgênero, precisaram ser marginalizadas e enquadradas como defeitos, erros e patologias que necessitariam de assistências, de curas e de correções proporcionadas pela cisgeneridade. Como o ‘cistema’ detém as ferramentas lógicas para a criação e para a manutenção da inteligibilidade de suas lógicas de sexo/gênero, todas as expressões que desejam ser reconhecidas, comunicadas e pensadas devem se submeter às suas regras e aos seus moldes.

Existências que hoje têm sido nomeadas como ‘travestis’, ‘trans’ e ‘não-binários’ são exemplos de emanações de sistemas lógicos de vida, presentes em todo planeta, que não são inteligíveis para a cisgeneridade e que, por isso, são sistematicamente negados e perseguidos pelos defensores do ‘cistema’. Exemplo disso encontramos na seguinte constatação de Castiel Vitorino Brasileiro: “eu tenho um corpo impossível”⁹, que firma morada em outras lógicas de vida, tidas como colapsos e contradições por negarem as imposições da cisgeneridade. O impossível, para o ‘cistema’, são as existências que divergem do modelo homem/mulher, elaborado e exigido pela branquitude colonialista, como lemos na seguinte passagem da autora:

A contrariedade está aí, na experiência exusiativa de movimentação, rodopio, caminhos impossíveis. Somos contrárias e contraditórias quando vivemos aquilo que é impossível ao colonizador. E o que tem sido esse impossível e incompreendido: nossa liberdade. Afirmar liberdade, sendo meu corpo racializado, já é uma atitude de contrariedade, pois a liberdade para corpos negros tem sido negada ao mesmo tempo em que tem se produzido uma experiência de encruzilhada. Aqui – em nosso corpo-encruzilhada – assumimos caminhos possíveis e impossíveis, numa dinâmica de negociação com as vidas que nos curam e com aquelas que nos querem aniquilar.¹⁰

Castiel aponta para as explosões e para os colapsos no sistema de sexo/gênero clássico que as vidas não-normativas, nomeadas como ‘negras’, segundo o exemplo, e nomeadas como ‘travestis’ e como ‘*kimbanda*’, segundo outra fala da autora¹¹, provocam. Contrariedade e contradição são marcas disruptivas que abrem caminhos para outras lógicas de vida. Nessas vias, a autora nos indica a recriação de liberdades e de curas que a branquitude cisgênera não pode oferecer, pois o ‘cistema’ lida com as contradições como impossibilidades, tensões e aporias, ou seja, como problemas insolúveis e caminhos sem saída que devem ser aniquilados, como aponta a autora, ou reformatados segundo os padrões da inteligibilidade cisgênera.

8 Conforme encontramos em manuais diagnósticos como o DSM – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, e o CID – Classificação Internacional de Doenças.

9 Texto disponível em: https://castielvitorinobrasileiro.com/inst_resquiciosde_um_corpoflor. Acesso em: 15 abr. 2022.

10 Texto disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/trauma-brasileiro-castiel-vitorino/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

11 Conforme fala da artista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JLSedmjWNeU>. Acesso em: 15 abr. 2022.



Com Castiel, encontramos o cruzamento entre o sistema racial e o sistema de sexo/gênero hegemônico como um mesmo projeto de mundo colonialista que parte de noções binárias, como branco/negro e homem/mulher, para estabelecer relações e lógicas de dominação e de subalternização das alteridades. Tal imbricação entre os sistemas raciais e de sexo/gênero pode ser encontrada desde a Antiguidade grega, como aponta Cheikh Anta Diop, ao recuperar uma passagem atribuída a Aristóteles: “aqueles que são muito negros são covardes, como, por exemplo, os egípcios e os etíopes. Mas os excessivamente brancos também são covardes, como podemos ver pelo exemplo das mulheres; a coloração da coragem está entre o negro e o branco” (ARISTÓTELES *apud* DIOP, 2010, p. 13). Assim, notamos que há, nas bases da lógica binária e da ética clássica¹² um projeto racista e misógino que ganhou força ao longo dos séculos de desenvolvimento da História ocidental.

8 Trivialidade

Nos últimos séculos, diversas lógicas complementares ou concorrentes da lógica clássica têm sido desenvolvidas. A lógica paraconsistente, elaborada e desenvolvida por Newton C. A. da Costa, é um exemplo dessas lógicas. Nos sistemas paraconsistentes, as contradições não implicam em explosões como na lógica clássica, mas coexistem e dão sequência a possibilidades de pensamento e de cálculos cujos desenvolvimentos são considerados “não-triviais” (DA COSTA, 2008, p. 170). Tais sistemas são chamados de inconsistentes, pois possuem contradições, mas não são triviais, isto é, deles não se deduz um cálculo incontrolável ou banal.

A trivialidade também atua como uma noção limítrofe ligada ao ‘princípio da explosão’ ao indicar uma certa desordem ou aleatoriedade que deve ser evitada na lógica clássica. Da Costa aponta que um sistema “é trivial, no sentido de que todas as suas proposições são demonstráveis”.¹³ Ao considerar que “de uma contradição sai qualquer coisa”¹⁴, os sistemas clássicos repudiam diversidades lógicas e sequências imprevisíveis em seus cálculos, tal qual o ‘sistema’ de sexo/gênero faz ao repudiar diversidades que fogem ou que embaralham sua binaridade lógica.

Etimologicamente, o termo trivialidade está ligado a *trivium*, em latim, que pode ser traduzido como ‘três vias’. Isso nos remete à jornada do conhecimento que encontramos em

12 A ética de Aristóteles não é binária, mas ternária, pois tem como valor a justa medida ou o termo médio entre dois extremos. Essa lógica ética, diferente da metafísica e da lógica binárias, parece ter suas bases na apropriação cultural de filosofias do norte da África, como a ética da serenidade de Amen-em-ope, do antigo *KMT* (Kemet), apresentada por: NOGUERA, R. A ética da serenidade: o caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope. *Ensaio Filosófico*, Volume VIII, Dez. 2013.

13 Em: D’OTTAVIANO, Ítala Maria Loffredo; FEITOSA, Hércules de Araujo. *Sobre a história da lógica, a lógica clássica e o surgimento das lógicas não clássicas*. UNESP, 2003. Disponível em: https://arquivos.cruzeirodosulvirtual.com.br/materiais/disc_2011/2sem_2011/logicaformal/un_II/complementar_II.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

14 Conforme palestra disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VcoxL_gkiSg&t=1790s. Acesso em: 15 abr. 2022.



Parmênides e que também simboliza a imagem de um caminho que se bifurca. Imaginemos, como Parmênides em seu poema, alguém que caminha em busca de conhecimento e que se depara com uma bifurcação. No entanto, diferentemente da proposta do filósofo, não haveria apenas um caminho da verdade e outro da falsidade. Nesse outro sentido que estamos propondo, *trivium*, as três vias, também poderia ser traduzida como encruzilhada, noção apresentada por Castiel Vitorino Brasileiro no texto que citamos.



Fig. 3 - Criada pelo autor

Na encruzilhada, todos os caminhos estão abertos e criam possibilidades infinitas para quem caminha. Muniz Sodré aponta que “é o número três, portanto, que abre a possibilidade do infinito diverso” (SODRÉ, 2017, p. 178). Se remontarmos a caminhada de Parmênides, perceberemos que ele também desenha três vias em seu poema, a do ser/verdade e a da opinião/falsidade, como mencionamos, mas há também uma terceira via não apontada, que é o caminho percorrido pelo filósofo e pelas deusas até as portas do ‘ser’ e da ‘opinião’. O esquecimento dessa via nos remete ao princípio do terceiro excluído e simboliza as escolhas feitas pela lógica clássica hegemônica.

No caso da encruzilhada, notamos outra lógica operante. Nela mora o “princípio da reversibilidade” (SODRÉ, 2017, p. 189) de Exu, isto é, um princípio cosmológico nagô-yorubano, encontrado também em culturas bantu com o nome de *mpambu a nzila*, em língua kikongo, e *pambu njila*, em língua kimbundu (cf. SANTOS, 2021, p. 40). Segundo Sodré, Exu encarna a lógica de um trânsito sem limites que circula por todo o sistema nagô conferindo movimento e articulação entre todas as partes. Exu opera em uma relação ternária de trocas: “dar, receber e restituir” (SODRÉ, 2017, p. 189). A restituição, o terceiro termo, é aquele que permite que as trocas não cessem em uma binaridade.

Nesse sentido, Exu é também a lógica matemática do “+1”, aquele que se soma a toda e qualquer circunstância produzindo mobilidade, transformação e multiplicação” (RUFINO, 2019, p. 44). A reversibilidade de Exu e sua abertura para a infinitude faz com que a encruzilhada seja uma expressão e um princípio cosmológico de certas culturas em que todos os caminhos podem ser percorridos em idas e vindas, seguindo uma lógica distinta da que encontramos em Parmênides. Essa lógica também é regida por um “princípio da imprevisibilidade” (RUFINO, 2019, p. 45), ou



seja, uma potência de infinitudes, por vezes controversas e caóticas, que se aproximam daquilo que a lógica clássica hegemônica nomeia como contradição, explosão e trivialidade.

Bábà Sidnei Nogueira aponta que, na encruzilhada, é possível “fazer a escolha do caminho que será trilhado, sempre sabendo que sempre existe a possibilidade de retornar e recomeçar” (NOGUEIRA, 2020, p. 133). A potência de tomar uma rota, retornar, fazer novas escolhas, e assim sucessivamente, configura um sistema descrito por Nogueira nas seguintes palavras: “a lógica exuística não é branca e não se pretende hegemônica. Não é uma lógica de mão única, dogmática e de verdades absolutas” (NOGUEIRA, 2020, p. 125).

Exu, portanto, é o princípio cosmológico dinâmico e da comunicação que “transita sem obstáculos” (SODRÉ, 2017, p. 187), e que torna possível um sistema de vida em que a trivialidade não é rechaçada como banalidade, mas tida como potência existencial e como princípio lógico que rege a cultura que a vive. O centro do *trivium*, da encruzilhada, é o local das escolhas a serem feitas e refeitas a todo tempo, sem que sejam tomadas como definitivas. São caminhos de vida e de conhecimento regidos pelas possibilidades geradas pela impermanência e proporcionadas pelo movimento e pela mudança.

Consequentemente, como aponta Sodré, “a diferença masculino/feminino – que pode ser logicamente radicalizada como uma disjun o – se relativiza já na própria fun o constitutiva de Exu, ao mesmo tempo masculina e feminina” (SODRÉ, 2017, p. 190). Nessa perspectiva, a binaridade de sexo/g nero não existe como estrutura de uma inteligibilidade excludente. Uma vez que o princípio cosmológico de tais culturas não sustenta a dualidade masculino/feminino como uma contradi o que gera explosões e colapsos para o sistema, pois se trata de uma lógica de vida diferente, masculino e feminino ou insemin o e gesta o coexistem e se movimentam constantemente a partir de Exu.

Diante dessa lógica, Nogueira afirma que “o conservadorismo não suporta a diversidade da encruzilhada e a controvérsia de Exu, pois sobrevive em, por meio de e com um único caminho” (NOGUEIRA, 2020, p. 120), o que reforça como a trivialidade é um limite para lógica clássica ocidental, marcada pela via única da verdade. No entanto, a trivialidade é o ponto de partida, de potência e de referência cosmológica em culturas não-hegemônicas. Nesse sentido, poderíamos dizer que o incontrolável, o controverso e o impossível para o colonialismo é umas das várias possibilidades de vida nas culturas nagô-yorubanas e bantu, por exemplo.



9 Haveria uma lógica trans?

Ao longo deste artigo, desenvolvemos uma aproximação entre a lógica filosófica clássica e o que chamamos de lógica de sexo/gênero clássica, a fim de revelarmos certos pressupostos e cálculos subjacentes às culturas hegemônicas. Nossa intenção também foi delinear os limites da binaridade ocidental e, dessa maneira, indicar a existência de outros modelos e diversidades lógicas existentes, embora negadas e remodeladas pelo colonialismo. Assim, chegamos às culturas denominadas como ‘trans’, ‘travestis’ e ‘não-binárias’, com o intuito de questionar se seria possível falar em uma ‘lógica trans’. Concluiremos este texto levantando algumas hipóteses e diretrizes para futuros estudos.

Acreditamos que lógicas como a da encruzilhada nagô-yorubana e bantu, que mencionamos, são indícios de diversidades que desbancam a pretensão de universalidade dos sistemas filosóficos impostos pelas culturas colonialistas. Dessa maneira, o par homem/mulher não pode ser considerado como uma verdade universal e atemporal, pois está inscrito em uma localidade com contextos lógicos específicos, isto é, são propostas de uma cultura, mas não de todas.

Ao falarmos em um possível lógica trans, estamos indicando mais uma explosão da normatividade do que um grupo bem delimitado de indivíduos ou de coletividades amarradas por uma identidade clássica. Com isso, queremos dizer que, se pode ser útil falar em uma lógica trans, será pela potência de abertura para infinitas lógicas possíveis, e não pelo fechamento e pela definição de um novo sistema homogêneo, ideal e universal. Com isso, nos aproximamos da seguinte perspectiva proposta por Muniz Sodré em *Pensar nagô*:

Nossa visada metodológica é, antes, induzir à prática de uma comunicação transcultural, que entendemos como uma dialogia semiótica, não um diálogo “entre” formações que se pretendam verdadeiras e estanques, mas a lógica do trans ou do vaivém “através” dos limiares do sentido, não uma filosofia de portas e sim de pontes ou de transição para correspondências analógicas, que não são necessariamente conciliatórias ou harmônicas, mas que abrem caminho para novos termos das disputas de sentido (SODRÉ, 2017, p.22).

Utilizaremos, portanto, o termo ‘lógica trans’ como uma abertura para uma gama infinita de possibilidades e de disputas de sentido de diversas culturas que têm sido apagadas pelo colonialismo. Como aponta Georges Ifrah em seu estudo sobre o desenvolvimento dos números em diversas sociedades, “em latim, a palavra *tres* (três) e o prefixo *trans* evidentemente tinham o mesmo radical” e significavam “a ideia de uma certa pluralidade” (IFRAH, 1989, p. 18). Assim, a pluralidade trivial, da encruzilhada de três vias abertas ao vaivém de infinitas possibilidades é o sentido que disputaremos em torno do uso do termo ‘lógica trans’.

Um cálculo em linguagem simbólica dessa possível lógica concorrente à lógica de sexo/gênero clássica poderia ser: $A \neq A$, que traduziríamos como: ‘A é diferente de A’. Nessa proposta



lógica, algo é diferente de si, ou seja, aquilo que se entende como identidade clássica está em colapso, explodiu. Nesse cálculo está formalizado o impossível, o contraditório, a quebra da unidade do ser e sua fragmentação em infinitudes. Com isso, queremos dizer que devemos levar em conta que não há uma unidade simples e homogênea para as culturas em que há uma lógica trans.

Em sua etimologia, a partícula ‘trans’ indica algo que está fora ou além de alguma coisa. Falar em uma ‘lógica trans’, então, seria falar de cálculos ou mapas de vida que estão além das lógicas colonialistas. Ao dizer $A \neq A$, quebramos com a lei da identidade clássica e abrimos espaços para outras explosões, como as da lei da contradição e do terceiro excluído. Poderíamos, assim, formular que ‘é o caso ser A e não-A ao mesmo tempo’, o que diríamos em linguagem formal da seguinte maneira: $A \square \neg A$. Na sequência, explodiríamos a lei do terceiro excluído ao afirmar que ‘não é o caso só ser A ou não-A’, o que em linguagem simbólica seria: $\neg (A \square \neg A)$.

Substituindo os termos ‘A’ e ‘ $\neg A$ ’, por ‘homem’ e ‘mulher’, respectivamente, podemos analisar quais os efeitos desses cálculos na lógica de sexo/gênero clássica. A partir disso, chegamos em frases como: ‘homem é diferente de homem’ e ‘mulher é diferente de mulher’, o que explode a identidade de sexo/gênero clássica. Também se tornam possíveis frases como ‘ser homem e mulher ao mesmo tempo’, o que explode a lei da não-contradição, e ‘não é o caso ser só homem ou só mulher’, o que explode a lei do terceiro excluído.

10 Terceiro gênero?

Por vezes, as vidas nomeadas como ‘trans’, ‘travestis’ e ‘não-binárias’ são tidas pelo senso comum como um terceiro gênero, ou seja, como um grupo homogêneo que contém tudo aquilo que não cabe na normatividade. No entanto, nossa hipótese é que essas vidas não se encerram em um conjunto definido e delimitado, pois são emanações de potências que remontam diversas culturas, e não apenas uma única cultura. Nesse sentido, encontramos afirmações como a de Preciado ao dizer que: “não somos um povo” (PRECIADO, 2020, p. 44). Com isso, o filósofo indicou que as vidas e as experiências nomeadas como ‘trans’ não configuram uma unidade, ou seja, um novo conjunto que está além dos conjuntos ocidentais de sexo/gênero ‘mulheres’ e ‘homens’.

Ademais, encarar as vidas nomeadas como ‘trans’¹⁵ como um ‘terceiro gênero’ seria tentar criar uma categoria lógica impossível para o sistema de sexo/gênero clássico, em que qualquer terceiro termo é excluído da possibilidade de ser pensado, reconhecido e comunicado. Há um quadrinho de Laerte que expressa essa impossibilidade e que nos revela que as tentativas

¹⁵ Estamos aqui utilizando o termo ‘trans’ como guarda-chuva que inclui as experiências designadas como travestis, transexuais, transgêneras e não-binárias.



colonialistas de inclusão das vidas nomeadas como ‘trans’ é, na prática, uma exclusão:



Fig. 4 – Tira Muriel, de Laerte. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CZy_1POhDIq/.

Nessa imagem, a personagem Muriel se depara com a impossibilidade lógica e prática do uso de espaços públicos como banheiros, por exemplo, femininos e masculinos. A voz que orienta Muriel pode ser interpretada como a voz da cisgeneridade colonialista, que cria e regula as experiências de vida da personagem. A terceira via ou terceiro conjunto lógico ‘T’, indicado a Muriel, revela-se como uma via bloqueada, inútil e inexistente, pois a lógica de sexo/gênero hegemônica não comporta mais de dois conjuntos, como nos diz o princípio do terceiro excluído da lógica clássica.

11 Conclusões

A falta de um conjunto coeso e delimitado para as vivências nomeadas como ‘trans’, que caiba na lógica de sexo/gênero hegemônica, nos coloca diante da necessidade de investigar quais seriam suas localidades lógicas. Buscando por culturas não-hegemônicas, encontramos modelos lógicos, em todos os continentes do planeta, que não correspondem ao binário homem/mulher; como, por exemplo, vivências *hijra*, *malakoi*, *tibira*, *kimbanda*, *kudina*, *bakla*, *fa”afafini*, *muxe*, *māhū*, *leitis*, *two spirits* e culturas como as Sulawesi, Dagara, Tupinambá, Botocudo, entre outras.

Tais lógicas culturais podem ser pensadas não como categorias de sexo/gênero, mas como possíveis posições ou categorias sociais (cf. OYĚWÙMÍ, 2021, p. 41) que dizem mais sobre as estruturas e cosmologias locais de cada cultura do que sobre um sistema de sexo/gênero universal. Dessa maneira, nos parece mais adequado supor as vivências ‘trans’ como lógicas de vida, e não como lógicas de sexo/gênero, já que o sistema de sexo/gênero não comporta logicamente tais expressões, como demonstramos.

Uma vez que diversos modelos culturais denominados ‘trans’ não são tidos como lógicas de sexo/gênero, compreendemos que a capacidade de gerar ou de inseminar não configurariam em outras culturas, necessariamente, um sistema binário de sexo/gênero, mas seriam categorias cosmológicas a conviver com outras maneiras de organizar a vida. A indagação sobre lógicas e



culturas ‘trans’ parece apontar para diversas rotas possíveis que remontam os fios dessas vidas. Em vez de uma via única, como um terceiro gênero, sugerimos a retomada de rotas culturais que têm sido silenciadas e exterminadas pelas culturas dominantes.

Com isso, queremos dizer que cada existência atualmente nomeada como ‘trans’, possivelmente, se configura como a atualização de “memórias existenciais”¹⁶ de culturas e de cosmologias que não possuem as categorias homem/mulher como centro de suas ordenações. Culturas essas que existiram e que ainda existem para além dos modelos colonialistas. Sugerir uma lógica trans, $A \neq A$, seria, então, apenas indicar a explosão do ‘cistema’ hegemônico, e não forjar uma nova categoria de sexo/gênero universalizante.

O desenvolvimento desse estudo requer um mergulho local em diversas culturas ao redor do mundo. Não o realizaremos agora, apenas nos contentaremos com a indicação dessa possibilidade. Em um contexto colonialista de globalização, como o que vivemos, realizar essas investigações é uma tarefa complexa. Nem termos como ‘trans’ nem como ‘*queer*’ dão conta das diferentes rotas culturais das quais cada uma dessas vidas descendem. Não há uma palavra única que una toda a diversidade, assim como não há uma língua única que possa traduzir todas as culturas.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARÁN, Márcia. Lacan e o feminino: algumas considerações críticas. *Natureza humana*, v. 5, n. 2, p. 293-327, dez. 2003.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *Órganon*. Bauru: EDIPRO, 2010.
- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. A diferença trans no gênero para além da patologização. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 5, p. 87-100, maio-out, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BROCKMAN, John. *Einstein, Gertrude Stein, Wittgenstein e Frankenstein: reinventando o universo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BUENO, Otávio; DA COSTA, Newton C. A.; FRENCH, Steven. Is there a Zande Logic?. *History and philosophy of logic*, n. 19, p. 41 - 54, 1998.
- BUENO, Otávio; DA COSTA, Newton C. A.; KRAUSE, Décio.

16 Noção ventilada pelo Bábâlôrişâ e professor Sidnei Nogueira em seu ativismo educacional de terreiro. Disponível em <https://www.instagram.com/professor.sidnei/>. Acesso em 15 abr. 2022.



Paraconsistente logics and paraconsistency. *In: Philosophy of logic*. North Holland: Elsevier, 2007.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COSTA, Caio Jade P. C. G. O que temos chamado de autobiografias trans? *In: Dissidências de gênero e sexualidade: percepções da crítica literária brasileira*. Salvador: Devires, 2021.

DA COSTA, Newton C. A. *Ensaio sobre os fundamentos da lógica*. São Paulo: Hucitec, 2008.

DA COSTA, Newton C. A. Paraconsistente. *In: FREUD, Sigmund. A negação*. São Paulo: Cosac&Naify, 2014.

DA COSTA, Newton C. A.; DORIA, Francisco A. *Fragmentos: física quântica*. Rio de Janeiro: Revan, 2016.

DA COSTA, Newton C. A. *O conhecimento científico*. São Paulo: Discurso Editorial, 2018.

DA COSTA, Newton C. A. *Introdução aos fundamentos da matemática*. São Paulo, Hucitec, 2020.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DIOP, Cheikh A. Origem dos antigos egípcios. Em: *História geral da África II: África antiga*. Editado por Gamal Mokhtar. 2.ed. rev. Brasília : UNESCO, 2010.

IFRAH, Georges. *Os números: a história de uma grande invenção*. São Paulo: Globo, 1989.

LEAL, Abigail Campos. *Ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*. São Paulo: GLAC, 2021.

LEAVITT, David. *O homem que sabia demais: Alan Turing e a invenção do computador*. Ribeirão Preto: Novo Conceito Editora, 2011.

LOPES, Marisa. Para a história conceitual da discriminação da mulher. *Cadernos de filosofia alemã*, São Paulo, n. 15, p. 81-96, jan./jun., 2010.

MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NASCIMENTO, Leticia. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. A filosofia na época trágica dos gregos. *In: Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

NYE, Andrea. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro:



Rosa dos Tempos, 1995.

NYE, Andrea. *Words of power: a feminist reading in the story of logic*. Nova York: Routledge, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PARMÊNIDES. Sobre a natureza. *In: Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUSSELL, Bertrand. *The problems of philosophy*. Edited by Paul Milhand. Nova York: Jovian Press, 2019.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. Temporalidades, história e memória. *In: CARNEIRO, Natália S. (org). Insumos para ancoragem de memórias negras*. São Paulo: Oralituras, Casa Sueli Carneiro, Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TURING, Alan M. Computing machinery and intelligence. *Mind*, v. 59, n. 236, p. 433-460, oct. 1950.

VERGUEIRO, Viviane. *Sou travestis: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade decolonial*. Brasília: Padê editorial, 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: EDUSP, 1993.

